

elas: *Noções de História Pátria*, elaboradas em colaboração com o professor SÍLVIO NASCIMENTO; *Pontos de História do Pará*; *Efemérides Paraenses* e *Cousas Nossas*.

Em preparo, tinha êle, os seguintes trabalhos: *Dicionário Corográfico da Amazônia*; *Amazônia*; *Da Independência à Abdicação e Cativeiros dos Índios da Amazônia*.

Da primeira dessas contribuições já tinha organizado os respectivos verbetes, correspondentes às primeiras letras, trabalho êsse que projetava apresentar ao X Congresso Brasileiro de Geografia.

O Sr. RAIMUNDO PROENÇA, era natural da cidade de Belém, tendo ali nascido a 4 de Outubro de 1885, sendo seus pais o casal AUGUSTO RAMOS PROENÇA e D. LUÍSA DE CAMPOS PROENÇA.

BRONISLAW KASPER MALINOWSKI

Em New Haven, Estados Unidos da América do Norte faleceu em Maio último, vitimado por um colapso cardíaco, o grande cientista de fama mundial, BRONISLAW KASPER MALINOWSKI.

Ao famoso antropólogo polonês MALINOWSKI, que acaba de morrer aos 58 anos, deve a cultura mundial interessantes e eruditas contribuições sobre as sociedades primitivas à luz do método funcional, pois foi êle um dos primeiros a se dedicar a essa espécie de pesquisas.

Orientando os seus estudos pelos métodos diretos de observação demorou-se êle quatro anos entre os selvagens das ilhas Trobriandesas da Nova Guiné, na mais estreita convivência com as tribus locais, onde procedeu a uma série de pesquisas que resultaram na confecção de vários livros sobre o que ali viu e observou. *A vida sexual dos selvagens na Melanésia norte ocidental*; *Os argonautas do Pacífico ocidental* e *Sexo e repressão na sociedade selvagem* são três desses muitos traba-

lhos que MALINOWSKI deixou sobre os habitantes e os costumes daquela região.

Os principais trabalhos do grande antropólogo circulam traduzidos nas principais línguas, particularidade que comprova o valor do sábio polonês e o teor científico da sua obra.

O culto antropólogo e etnólogo brasileiro professor ARTUR RAMOS, ilustre catedrático de Antropologia e Etnologia da Universidade do Brasil e presidente da Comissão Técnica de Geografia Humana do Conselho Nacional de Geografia, atendendo gentilmente a uma solicitação que lhe foi dirigida pela direção desta REVISTA, escreveu um substancial trabalho dedicado especialmente à memória do grande sábio polonês, no qual é abordado o *método funcionalista da Cultura*, criado pelo consagrado cientista ultimamente desaparecido.

Publicamos a seguir, êsse trabalho que o seu autor tituló de *Malinowski e o método funcionalista da Cultura*.

MALINOWSKI E O MÉTODO FUNCIONALISTA DA CULTURA

ARTUR RAMOS

Professor de Antropologia e Etnologia da Universidade do Brasil.

BRONISLAW MALINOWSKI nasceu em Cracóvia, Polónia, no ano de 1884. Estudou na Universidade da mesma cidade, mas um acidente de saúde o obrigou a interromper seus estudos. Viajou então durante três anos pelas costas do Mediterrâneo, visitando os países do sul da Europa e do norte da África. Fez também uma excursão até o Canadá. De volta às suas tarefas, estudou psicologia com WUNDT e ciências sociais com LAMPRECHT.

Em seguida, encaminha-se para Londres onde trabalha na Escola de Ciências Econômicas. Os seus interês-

ses antropológicos se consolidam e pouco antes da primeira guerra mundial, segue para a Austrália com a expedição de ROBERT MOND à Nova Guiné Inglesa. Foi feito prisioneiro, ao deflagrar a guerra. Mas, mesmo assim, obteve uma liberdade relativa, que o permitiu realizar três viagens à Nova Guiné, passando dois anos no arquipélago de Trobriand, situado no extremo sudeste daquela ilha.

De volta à Inglaterra, ocupou a cadeira de Antropologia da Universidade de Londres. Ultimamente achava-se como professor visitante da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, mas as condições precárias de saúde não consentiram sequer o início das suas atividades ali. A notícia da sua morte

aos 58 anos de idade, apenas, acaba de surpreender o círculo numeroso dos seus amigos, discípulos e admiradores, que muito esperavam ainda da capacidade mental deste grande vulto da antropologia contemporânea.

MALINOWSKI, de origem polonesa, mas ligado ao movimento antropológico moderno da Inglaterra, foi o principal corifeu do método chamado "funcionalista" em antropologia cultural, e que lhe valeu uma grande notoriedade. MALINOWSKI fugiu sempre àqueles dois aspectos do "antropólogo de cadeira" e do "etnógrafo empírico" de viagens e impressões. Ele une essas duas facetas numa personalidade inconfundível do investigador e exegeta da cultura. Ficou famosa a sua excursão entre os indígenas da ilha de Trobriand, experiência que ele condensou em alguns livros famosos como *Argonautas do Pacífico Ocidental*, *A vida sexual dos selvagens da Melanésia de noroeste* e *Sexo e repressão na sociedade selvagem*.

Da sua bibliografia, destacamos as obras principais: *The family among the Australian Aborigenes*, London, 1913. — *Primitive religion and social differentiation*, Cracow, 1915. — *The Natives of Matlu*, Adelaide, 1915. — *Argonauts of the Western Pacific*, London, 1922. — *Magic, Science and Religion*, in *Science, Religion and Reality*, Essays col. by J. Needham, London, 1926. — *Myth in Primitive Psychology*, London, 1926. — *Crime and Custom in Savage Society*, London, 1926. — *The Father in Primitive Psychology*, London, 1927. — *Sex and Repression in Savage Society*, London, 1927. — *The Sexual life of Savages in North-Western Melanesia. An Ethnographic Account of Courtship, Marriage and Family life among the Natives of the Trobriand Islands, British New Guinea*, London and New York, 1929. — *Coral Gardens and their Magic*, 2 vols., New York, 1935; artigo "Social Anthropology" in *Encyclopaedia Britannica*. — artigo "Culture" in *Encyclopaedia of Social Sciences*.

*

A obra de MALINOWSKI sugere uma série de considerações sobre o problema metodológico em antropologia cultural, setor onde não se pronunciou ainda um acôrdo definitivo. Vive bem acesa ainda a polêmica entre "difusionistas" e "convergentistas" da cultura. Historicistas e ahistoricistas ainda se disputam a primazia de método. Geógrafos acentuam a influência do meio sobre a cultura, contra a posição dos psicólogos que realçam a ação dos fatores intrínsecos.

Métodos mais recentes podem ser considerados os avatares das primiti-

vas posições: meio e difusão *versus* psíquê e convergência. Dois desses métodos principalmente procuram demonstrar as excelências respectivas: o método histórico-cultural e o método funcionalista. O primeiro é uma ambiciosa tentativa de sistematização dos antigos critérios migracionistas e difusionistas, fazendo uma interessante conciliação dos critérios geográficos e históricos, estudando a cultura em áreas espaciais e *strata* cronológicos, no conceito do chamado "ciclo cultural". O segundo é uma reação antinômica aos critérios históricos de difusão e merece por isso ser acompanhado desde os precursores até MALINOWSKI, que foi o seu principal sistematizador.

Estes precursores surgem justamente com os ingleses de começos deste século, quando começaram a reagir contra as concepções evolucionistas da cultura, de TYLOR e seu grupo e uma etnologia livresca que não teve experiência direta com os chamados "primitivos" que se propunha estudar. Entre esses funcionalistas de primeira hora podemos citar W. H. RIVERS e A. R. RADCLIFFE-BROWN. A obra de ambos merece um desenvolvimento especial, que não poderia ser feito aqui. RIVERS deixou contribuições decisivas sobre os sistemas de parentesco nas sociedades primitivas e sua posição metodológica oscilou entre as concepções histórico-difusionistas e psicológico-interpretativas. Conhecem-se as suas ligações com os hiper-difusionistas ingleses, como ELLIOT SMITH e PERRY, mas de outro lado são interessantes os seus esforços de interpretação psicológica das instituições. RIVERS escreveu mesmo todo um volume sobre *O Instinto e o Inconsciente*, outro sobre *Sonhos e cultura primitiva*. O caso de RIVERS é bem curioso, pois ele procurou conciliar os critérios de interpretação histórico-difusionistas com os critérios funcionalistas provando assim que os conflitos metodológicos são apenas aparentes.

O nome de RADCLIFFE-BROWN está na história da antropologia cultural da Inglaterra como um grande foco de reação aos postulados evolucionistas do século passado.¹ Ele abandona as tradições britânicas e prefere acompanhar a corrente continental dos DURKHEIM, em cuja sociologia comparada vai buscar o conceito de "função" usado pela primeira vez pelo notável sociólogo francês. RADCLIFFE-BROWN critica os antropólogos ingleses do século passado por terem construído uma etnologia

¹ Vide conferência de RADCLIFFE-BROWN, na Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, a 18-6-1942, sob o título "O método funcionalista em antropologia". Nesta sessão, em homenagem a RADCLIFFE-BROWN, a sua vida e obra foram estudadas pelo presidente da S.B.A.E.

teórica, e por se terem preocupado com a investigação da "origem" das instituições, com o propósito absorvente de partirem do fato cultural considerado o "mais elementar", o "mais primitivo" para o mais complexo e "mais civilizado". Ele prefere estudar, em vez da origem, a *natureza* das instituições. A mira dos estudos etnológicos será então "fazer uma análise de um sistema social particular ou de alguns dos seus aspectos e por êsse meio instituições e costumes são explicados, mostrando como agem dentro do sistema de que são partes integrantes".

Funda assim RADCLIFFE-BROWN a sua "Antropologia social", onde procura fazer comparações sistemáticas das sociedades estudadas diretamente em *observações experimentais*. O fim último será o alargamento das vistas teóricas sobre a "natureza" da sociedade humana em geral.

*

MALINOWSKI, porém, deve ser considerado o verdadeiro sistematizador do método chamado "funcionalista", expressão que RADCLIFFE-BROWN usa raramente. Realmente RADCLIFFE-BROWN foi acusado de eliminar o elemento biológico na análise funcional da cultura. Fiel às tradições durkheimianas, a sua preocupação dirige-se mais à sociedade do que ao homem. É o indivíduo, o homem, agora o motivo do interesse fundamental de MALINOWSKI. Não foi sem razão que em seus últimos tempos da vida, êle procurou a Universidade de Yale, cujo "Instituto das Relações Humanas" tem em mira o problema essencial do homem, da personalidade humana, considerada em seus aspectos fisiológicos, individuais, sociais e culturais. MALINOWSKI foi também um investigador de campo, um *field-worker*, reagindo assim contra as vistas teóricas dos analistas das sociedades, sem experiência direta.

O longo contacto com os indígenas de Trobriand deu-lhe uma experiência única. Em vez de catalogar-lhe traços de cultura, distribuí-los em áreas e *strata*, MALINOWSKI abandona qualquer propósito historicista e procura "compreender" a personalidade dos indígenas, observando-os como agem e pensam dentro do seu grupo de cultura. Procurou então estudar um traço de cultura, na sua significação para o grupo, sua "função" em relação à cultura total. Em mais de um trabalho, procurou MALINOWSKI sistematizar o seu "método funcionalista", principal-

mente no artigo "Social Anthropology", da *Encyclopaedia Britannica*, no artigo "Culture" da *Encyclopaedia of Social Sciences* e no prefácio do seu livro sobre *The sexual life of savages in North-wertern Melanesia*.

O título, que êle chama "pomposo" de *Escola Funcional de Antropologia*, deve-se, de fato, a MALINOWSKI e foi na 13.^a edição da *Encyclopaedia Britannica*, de 1926, que pela primeira vez foi definido o seu método. "Esta espécie de teoria — escreveu — procura explicar as realidades antropológicas em todos seus níveis de desenvolvimento, pela sua função, pela parte que desempenham dentro do sistema integral de cultura, pela maneira como se acham relacionadas com as outras dentro do sistema, e pela forma em que êste sistema se acha vinculado ao contôrno físico. Isto acarreta a necessidade de conhecer a natureza da cultura, de preferência às conjeturas de reconstrução de sua evolução ou de acontecimentos históricos passados".

Assim, destacado um traço da cultura material ou espiritual de um grupo étnico, o investigador procurará estudar a função daquele traço no grupo, para a compreensão da natureza da cultura total.

Na análise das instituições sociais, MALINOWSKI, dá uma grande importância ao estudo dos instintos humanos e suas transformações. Como os psicólogos sociais, êle vai descobrir o funcionamento de determinado instinto nos bastidores das várias instituições. Daí a importância que concedeu ao sexo, na análise das instituições dos indígenas das ilhas de Trobriand, principalmente dos seus ritos religiosos, mágicos e cerimoniais, nos atos institucionais da vida diária.

Neste ponto, MALINOWSKI estendeu-se em considerações teóricas, num livro clássico *A sexualidade e sua representação nas sociedades primitivas*. Aceitando em tese os resultados pacientemente elaborados pela escola psicanalítica, MALINOWSKI faz algumas objeções básicas, e de grande alcance para o antropólogo da cultura. Como se sabe, a psicanálise estendeu-se em ambiciosas interpretações à vida social dos primitivos, partindo da análise do totemismo e do tabuismo. Em uma das suas obras principais, *Totem e Tabú*, FREUD procurou mostrar que o "complexo de Edipo" estava na origem das sociedades.

A horda primitiva, segundo essa concepção, seria animada de um sentimento ambivalente em face do pai, de admiração e ódio. O pai todo poderoso e admirado era ao mesmo tempo um rival odiado porque interdizia aos filhos a posse das mulheres. E por isso um dia os filhos se revoltaram, e assassinaram o pai. Isso gerou um forte sentimento de culpa. O pai foi imortalizado no *totem* que volta a reclamar a punição do crime. "A sociedade — concluiu FREUD — vai repousar sobre uma falta comum, o crime comum cometido; a religião, na consciência da culpa e remorso consecutivo; a moral sobre as necessidades desta sociedade e, de outro lado, sobre a expiação necessária do sentimento de culpa".

Não desejo entrar aqui nas discussões que essa hipótese despertou. Os antropólogos da cultura negaram ter havido essa coisa que se chamou a "horda primitiva". Isso resultou de observações incompletas de ATKINSONS e DARWIN. Está provado hoje que mesmo os povos considerados mais primitivos teem um esboço de organização social e não vivem, como se supunha, em hordas ou bandos desgovernados.

Desejo apenas assinalar a posição de MALINOWSKI que, sem negar as suas convicções psicanalíticas, apenas acha incongruente que o complexo de Édipo seja a *fontes et origo* das sociedades. A existência do complexo já evidencia uma certa organização social, a existência da trindade clássica pai-mãe-filho, e sentimentos que só podiam se ter formado em sociedade. Estudando os seus indígenas de Trobriand, verificou MALINOWSKI que se tratava de uma cultura *matrilinear*. Na vida sexual desse grupo, é o tio materno que desempenha o papel que tem o pai nas sociedades de tipo *patrilinear*. Os complexos básicos da psicanálise variam, pois, com o tipo de sociedade correspondente. O complexo nuclear de família é uma formação secundária, *a posteriori*, e varia de uma comunidade a outra, em relação com a estrutura social correspondente.

Em vez de o complexo de Édipo ser o responsável pela formação da sociedade humana, ele é um produto desta sociedade. Ou melhor: ele é um produto das vicissitudes culturais e sociais. Ele vai se modificando à medida que a família e a cultura total se modificam.

Este ponto de vista é resultante da observação direta de vários tipos de

"cultura" diferentes da "nossa", de sobrevivências patriarcais, onde o complexo de Édipo se forma dentro dos lineamentos clássicos.

Mas não é só o instinto sexual que tem importância na análise funcional das culturas. Os problemas da nutrição também desempenham um papel de suma relevância, como base de um sistema de avaliação na vida econômica, nas crenças religiosas e mágicas ou em outros aspectos antropológicos. "Tôda a ciência da cultura será estéril — escreveu MALINOWSKI — enquanto a segunda grande base de sociedade humana, a busca do alimento, não tenha ocupado tôda a atenção dos antropólogos". E cita a obra de A. I. RICHARDS dedicada ao estudo do *Alimento na sociedade selvagem*, tôda uma sociologia da nutrição, dentro das bases da escola funcionalista.

Sexo e nutrição, por sua vez, implicam e desenvolvem todo um sistema de necessidades derivadas. As instituições são assim estudadas pelos funcionalistas como ligadas àqueles instintos básicos e suas transformações. São as *necessidades* — instintos, apetites, desejos, *appet* de DUNLAP — que impulsionam as instituições, desde as mais diretamente verificáveis como as econômicas, até as mais abstratas ou "sublimadas", como a arte, a mitologia e a religião.

No que tange aos "traços" ou "objetos" de cultura material, todos eles estão "imbuídos de sua função". Um objeto material só tem valor quando compreendida a sua função dentro do grupo. Isso é importante para a interpretação do fenômeno de empréstimo e difusão cultural. Um objeto novo só é aceito pelo grupo quando integrado na sua função, ou a antiga, ou a nova que lhe é assinalada.

Constitue um mérito dos neo-funcionalistas, com THURNWALD, ou os norte-americanos, o ter posto em destaque a função humana dos objetos de cultura material, no vasto capítulo que hoje estudamos com o nome de "aculturação". A crítica aos histórico-culturalistas, apenas interessados em assinalar a migração e difusão dos traços de cultura, quase esquecendo o seu valor funcional, quer dizer "humano", já estava implícita em MALINOWSKI. Um objeto só tem valor quando integrado à cultura total de que faz parte, quando compreendido no seu significado principal, quando empregado pelo ho-

mem para a satisfação de uma necessidade básica, de natureza individual ou institucional.

Não cabe aqui, neste rápido exame, do método do grande antropólogo agora desaparecido, o exame das aplicações do seu método, e o seu desenvolvimento mais recente. O que não há dúvida é que o método funcionalista não surge em contradição com os métodos geográficos e difusionistas. Apenas procura corrigir os exageros do historicismo e tirar à etnologia aquele

ranço de museu que lhe quiseram emprestar, na pura e simples catalogação de objetos ou traços de cultura.

O método funcionalista quer reintegrar o homem numa ciência que na realidade lhe é legitimamente consagrada: a Antropologia, indivisível, como o estudo do comportamento humano, das instituições sociais, de todos os aspectos da cultura, como esforço continuado para a compreensão da natureza do homem e das sociedades constituídas por ele.

PROF. MARCELLIN BOULE

Segundo comunicado telegráfico de Vichy, divulgado na imprensa desta capital, faleceu, no mês de Julho último, na França, o afamado paleontologista PIERRE-MARCELLIN BOULE, mundialmente conhecido, simplesmente, pelo seu nome de cientista, MARCELLIN BOULE.

O grande e erudito cientista que morreu aos 81 anos de idade, nasceu em Montsalvy (Cantal), a 1.º de Janeiro de 1861. Iniciando a sua carreira científica como geólogo, BOULE, através da geologia, veio mais tarde a se dedicar profundamente aos estudos particulares da paleontologia, chegando a ser um dos seus maiores cultores e mestre dos mais reputados, de fama mundial, pois, a ele se atribue a descoberta do "Homem de Neanderthal", bastando-lhe essa particularidade para justificar a repercussão dos seus conhecimentos científicos.

O seu livro, editado em 1921, *Les hommes fossiles*, pela sua admirável clareza e seu sólido teor científico marcou, a contar do seu aparecimento, novos rumos aos estudos pertinentes ao homem primitivo.

Outra sua contribuição valiosa, essa porém nos domínios da geologia, foi a

que resultou das eruditas pesquisas científicas que realizou no maciço central francês das quais nos deu conta o trabalho *Le massif central de la France*, e uma série de guias sobre a mesma região, onde provou sua experiência científica ao alcance cultural do grande público.

Aos 74 anos de idade, em 1935, publicou com seu aluno JEAN PIVETEAU, um trabalho considerável, verdadeiro resumo do seu pensamento científico: *Os fósseis. Elementos de paleontologia*. Dois anos mais tarde, em 1937, publicou, ainda em espanhol, nos *Anais da Universidade de Quito*, um estudo sobre um cavalo fóssil, encontrado em Paiya, no Equador e comparou-o aos equídeos do Pliocênio e ao Pleistocênio da América do Sul.

O eminente cientista era formado pela Faculdade de Ciências de Toulouse, tendo sido inicialmente professor de geologia na Faculdade de Ciências de Cleamont Ferrand e, mais tarde, lente de paleontologia do Museu Nacional de História Natural, onde o seu nome de cientista havia se projetado através dos estudos acerca do "homem primitivo de Neanderthal".

Exerceu BOULE vários cargos, nas instituições científicas do seu país, con-